

Esse contexto, porém, de negacionismo e emergência das opiniões como verdades tem sido objeto de estudos de vários pesquisadores e filósofos. Lee McIntyre aponta em sua obra, sobre a pós-verdade, que esse fenômeno atual se caracteriza pela prática de obrigar as pessoas a crerem em algo mesmo sem evidências sobre o fato, apenas como crença. Nessa prática, os meios de comunicação e, principalmente, a ciência são atacados. A ciência, sobretudo, pelo seu caráter sempre provisório, e por trabalhar com dúvidas e hipóteses, o que a leva constantemente a demandar pesquisas para seu avanço, é vista como instância a ser rechaçada pelas verdades criadas. Já os meios de comunicação, pela intimidação dos fatos apresentados em confronto com as opiniões dos sujeitos enquanto verdades (MCINTYRE, 2018).

Nesse contexto da pós-verdade, apresentada por McIntyre, verificamos que, como aponta Foucault, não é que inexistente a vontade de verdade, ao contrário, há uma vontade de verdade na contemporaneidade nas práticas de ampliação da fluidez da comunicação pelas redes. A pós-verdade se refere à fluidez de verdades que vão sendo criadas como hipóteses-verdades que expressam o desejo de poder e a estabilidade do saber-poder, que a ciência e, em certo grau, as mídias tentam revelar sua provisoriidade. Nesse jogo, criam-se os sistemas de exclusão, que na atualidade assumem a figura da liquidez da novidade, da opinião, da criação e da “liberdade de expressão” (FOUCAULT, 2015).

Apesar desse contexto e das inúmeras tentativas de, desvirtualizando os princípios da “liberdade” e da “liberdade de expressão”, interferir no trabalho de formação de sujeitos críticos, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz, para as ciências humanas, um conjunto de competências e habilidades que respaldam a necessidade de se pautar nos princípios constitucionais, bem como de se apoiar na ciência como pressuposto fundamental. Sabemos que a BNCC foi construída num contexto político conturbado, incluindo o golpe de 2016 e a Reforma do Novo Ensino Médio, que não cabe neste momento discorrer sobre a questão, mas que é preciso salientar que nesse documento há pontos positivos que respaldam o que se acredita contribuir para uma educação para a cidadania.

Na competência 1:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando

diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica (MEC, 2018, p. 571).

O comando analisar e o princípio de análise – a partir da pluralidade de procedimentos, inclusive científicos – mostram que numa democracia é importante o debate, e que são permitidos e bem-vindos os diferentes pontos de vista, mas deixando claro que se assentam na ciência, por exemplo, permitindo ao docente a exigência da apresentação de fontes e dados de pesquisa como base dos argumentos.

Na competência 3,

Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global (MEC, 2018, p. 574).

É importante salientar o objetivo da competência que é propor alternativas para problemas com respaldo na ética socioambiental e na responsabilidade social, ou seja, é uma competência que se compõe de habilidades de construção da crítica com proposições para a mudança em cenários desiguais e não equânimes.

Nas competências 4, 5 e 6 também encontramos os fundamentos e princípios constitucionais com afirmativas como “*construção, consolidação e transformação das sociedades*” (Competência 4); “*combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência*” (Competência 5) e “*participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania*” (Competência 6) (MEC, 2018, p. 576-578).

Com esse subsídio constitucional e da BNCC do Ensino Médio, acreditamos ser possível a construção de uma *educação menor*, como denomina Silvio Gallo, utilizando-se da obra de Deleuze. O conceito de *educação menor* refere-se aos atos de revolta e resistência que podem e devem ocorrer no interior das práticas educacionais instituídas, sendo ao mesmo tempo um ato de singularização dos sujeitos e de militância coletiva. Ela é “menor” porque possibilita a experimentação do novo e uma abertura a novas conexões, para a construção de novas realidades, que potencializem a vida, a ética e a estética da existência (GALLO, 2008).

Pensando na geografia da comunicação e retomando o contexto da pós-verdade, ao vivenciar os efeitos que visem controlar ou anular o trabalho pedagógico (como ações de projetos como “Escola sem Partido”, ou de disseminação de *fake news*), impedindo as conexões entre

os sujeitos numa sala de aula e na escola, não significa que é preciso impor o silenciamento como prática pedagógica, invertendo o caráter autoritário, trata-se de possibilitar novas conexões (agenciamentos) em sala de aula, para o desenvolvimento de um diálogo e debate que flua para a ampliação da visão de mundo e em prol da construção de uma existência mais justa, livre e ética.

Para o trabalho em sala de aula, porém, não podemos nos esquecer de que todo esse contexto sociopolítico é atravessado pelo regime capitalista e suas estratégias de modulação e ressonância em todas as instâncias da vida e da subjetividade. E que não existe “o capitalismo”, mas regimes capitalistas que buscam moldar a realidade de acordo com seus interesses e suas metamorfoses. Como afirma Suely Rolnik:

O regime capitalista anterior (industrial) precisava de corpos dóceis que se mantivessem sedentários, cada um fixo em seu lugar, disciplinarmente organizados (como os operários na fábrica). Diferentemente disso, o capitalismo financeirizado necessita de subjetividades flexíveis e “criativas” que se amoldem, tanto na produção quanto no consumo, aos novos cenários que o mercado não para de introduzir. Em outras palavras, em sua nova dobra, o regime necessita produzir subjetividades que tenham suficiente maleabilidade para circular por vários lugares e funções, acompanhando a velocidade dos deslocamentos contínuos e infinitesimais de capital e informação (ROLNIK, 2018, p. 165).

Como podemos ver, há um novo padrão de sujeito almejado pelo capitalismo, do qual ele usufrui e busca produzir. É nesse contexto que há uma demanda por sujeitos que se autoafirmem e se acreditem livres, de modo que ele possa fazer com que as pessoas se submetam “livremente” às mudanças que proporcionarão mais reprodução do capital, sem necessariamente levar a mudanças na estrutura social ou maior proliferação da vida.

Esse contexto da “liberdade de expressão” sem precedentes ou princípios parece ser uma das consequências desse sujeito produzido para ser livre e flexível às mudanças. O capitalismo, ao mesmo tempo que se utiliza dessa “liberdade” para ampliar os fluxos de capital e controle, investe na produção dos sujeitos como “pessoas especiais”, que desejam consumir o que o próprio capitalismo não cessa de (re)inventar. O sujeito seriado não interessa mais ao capitalismo do consumismo.

Com o advento da internet e das novas tecnologias da comunicação interativa, a comunicação sofre uma revolução e, como já era

esperado, é apropriada pelo capitalismo como instrumento de disseminação dos “sujeitos livres-criativos-especiais”, que ganham o lugar de fala privilegiado. Paradoxalmente, assistimos à emergência de movimentos identitários que, nessa liquidez, investem em práticas autoritárias e fascistas, como estratégia para a busca de uma estabilidade social e política, porém de antiprodução da vida.

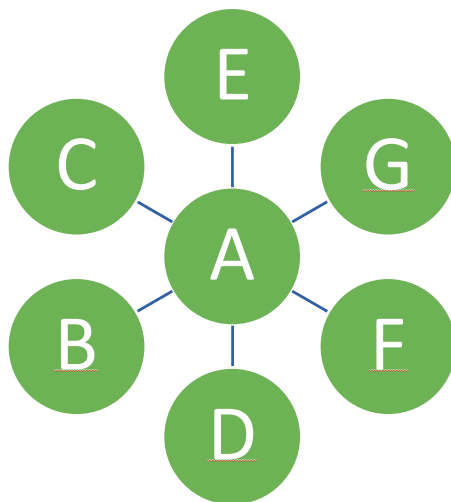
Nesse paradoxo, e em consonância com o conceito de pós-verdade, emerge a disseminação de *fake news*, que são falsos posts disseminados nas redes de comunicação com o intuito de legitimar uma “verdade” criada, com um objetivo político ou econômico subentendido. Os infinitos *likes* produzidos por robôs fazem parecer que tais posts são realmente legítimos, intensificando a propagando sua credibilidade (ROLNIK, 2018, p. 161).

A geografia das redes e as tecnologias da informação

Nesse contexto apresentado, a escola tem como desafio propor formas de intervenção dessa realidade de forma crítica e pautada nos princípios científicos e de transformação da realidade. A Geografia da informação e das redes, a partir de seus pressupostos teóricos e dos seus conceitos, deve contribuir nesse processo. Sendo assim, neste tópico apresentamos uma proposta de intervenção pedagógica baseada nessa interface entre a Geografia e o contexto atual.

A informação é um elemento presente na sociedade, cuja função é a redução das incertezas. Quem detém um conjunto de informações possui mais chance de sucesso no seu processo, seja ele qual for. A rede mundial de computadores no século XXI assume o papel de disseminar informações e fomentar uma maior participação nos processos sociais na sociedade brasileira. A partir dessa dinâmica, assistimos à emergência de uma nova política comunicacional e informacional.

É pertinente que os professores, no seu processo de ensino e aprendizagem, percebam a globalização da comunicação eletrônica como um processo que leva a desnacionalização e desestatização da informação. Alguns atores sociais criam estratégias para participar da rede de disseminação de informação, já outros desenvolvem meios de dominação para se configurarem como o ponto mais importante dessa rede. A partir dessa premissa, observe o esquema de uma rede centrada no ponto A, a seguir:

Gráfico 1 – Exemplo hipotético de rede centrada no ponto A

Fonte: elaborado pelos autores

O desenvolvimento tecnológico do século XX e do início do século XXI potencializou os efeitos da internet e, conseqüentemente, dinamizou o acesso à informação, dotando as redes de mais nós (usuários), ampliando os fluxos (informações). Atualmente a informação é um recurso/instrumento do processo decisório com um valor inestimável para a tomada de decisão.

A Geografia da informação se dedica em entender como os processos informacionais contribuem com a organização dos lugares, territórios e regiões. Existe uma relação intrínseca entre informação, conhecimento e poder, que determina o padrão das redes. As tecnologias digitais da comunicação e informação, como a internet, acarretaram na expansão das redes de usuários, de produtores e de disseminadores de informação, com expansão das redes de distribuição de informações. Apesar da expansão quantitativa na circulação de dados, hoje, contudo, nos questionamos sobre a qualidade dessas informações.

Nesse sentido, o aumento do ritmo da inovação e o desenvolvimento simultâneo das telecomunicações e da informática têm produzido significativas mudanças nas estruturas sociais e na possibilidade de uso das ferramentas, que tem sido feita, inclusive, nos processos políticos

(pré e pós-eleitoral). Apesar da dispersão das informações, que são feitas pelas TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação), nota-se também uma debilidade delas, em alguns casos, pois as TDICs aparecem como instrumentos de disseminação, para o “bem” e para o “mal”. Nesse ambiente, as *fake news* ganham destaque, pois a informação possui uma característica importante: ela pode ser alterada com objetivos pré-definidos: influenciar intensamente mudanças na ação e no pensamento dos indivíduos. A seguir, apresentamos um esquema didático de como, normalmente, são produzidas e disseminadas as *fake news*:

Gráfico 2 – Esquema de disseminação de *fake News*



Fonte: elaborado pelos autores a partir de Itagiba (2017)

O esquema das *fake news* se baseia na disseminação de uma informação falsa em um ambiente de rede, que ganha extrema velocidade por utilizar das tecnologias digitais da informação e comunicação. O esquema apresenta um modelo hipotético de disseminação de *fake News*, no qual o ponto inicial é o indivíduo que divulga as notícias/informações falsas. A primeira etapa do processo é o de identificar o alvo, que no caso da representação, é o “Alvo Y”. A segunda etapa diz respeito à criação da notícia/informação falsa e à estratégia de disseminação na rede. Uma das estratégias mais usuais atualmente é a da criação de perfis falsos/robôs/bots, que irão disseminar as informações utilizando algum tipo de *hashtags* para alcançar mais pessoas nas redes sociais, que se interessa por aquele tipo de notícia/informação. No esquema, essas *hashtags* estão representadas pelos círculos com os dizeres: #foray ou #vazay, que permitem que os *bots busquem* os usuários com o mesmo

perfil. Esses perfis, por estarem envolvidos e acreditarem nessas *hashtags*, acabam disseminando as mensagens/informações sem critérios de análise crítica e de busca de veracidade, já que são produzidas propositalmente como verdades. Esses indivíduos acabam executando a programação e concluindo parte do ciclo de disseminação das *fake news*, porque cada usuário que se identifica com ela tende a disseminá-la.

Existem pontos importantes nessa rede que precisam ser destacados: primeiro, a informação, por não ser neutra, é carregada de intencionalidade, portanto quem as dissemina sabe muito bem o efeito que se quer produzir. O segundo ponto é que existe um desejo do ator social de participar da rede. Sua necessidade de emitir a sua opinião como um ato de liberdade se torna cada vez mais forte. Assim o indivíduo não se aprofunda na informação, na fidedignidade dela, ou seja, não olha a credibilidade da fonte da notícia/informação que está disseminando.

A disseminação de *fake news* aumentou consideravelmente no Brasil nos últimos anos. Sendo assim, depois de muitos debates, no dia 30 de junho de 2020 o Senado Federal brasileiro aprovou Projeto de Lei Federal n.º 2.630, de 2020 – Lei das Fake News (BRASIL, 2020). O projeto basicamente estabelece diretrizes para fomentar a busca da veracidade das notícias e informações falsas que são veiculadas na internet e, sobretudo, por redes sociais. Existe a crítica que tal projeto fere a liberdade de expressão, o que, a nosso ver, é um equívoco. No início do capítulo apresentamos como, em nome da “liberdade de expressão”, grupos e pessoas defendem o “vale tudo” nas redes de disseminação de informações. Apesar do avanço do Projeto de Lei, ele tende a não atacar o problema de fato, pois, considerando a rede, ele não vai atacar o mais forte, ou seja, o ponto central de disseminação, que é o produtor da mensagem, mas apenas o disseminador da mensagem falsa. Do ponto de vista político, se criou no país uma verdadeira fábrica de *fake news* que deve ser combatida, porque ela prejudica o processo democrático e gera desinformação.

Constata-se que o acesso à informação é um direito de todos. Mas é inegável que temos que ter responsabilidade ao criar e disseminar notícias. A busca da qualidade da informação deve estar presente em todas as etapas do processo. Sendo assim, observar se a fonte é confiável deve nortear o nosso padrão de análise.

A seguir apresentaremos duas propostas didáticas para se trabalhar a temática da Covid-19 em Geografia da informação e das redes.

A primeira proposta pretende trabalhar com uma técnica de mineração de dados com textos jornalísticos e a segunda proposta está relacionada à análise de *fake news*.

Proposta didática 1:

Existe uma técnica em mineração de dados que se chama análise de sentimentos, ela pode ser uma excelente técnica para se utilizar em atividades na sala de aula. Essa técnica visa detectar pontos que são positivos ou negativos a respeito de um tema. O objetivo é identificar em textos e em opiniões: sentimentos e emoções. A ideia, neste capítulo, não é detalhar e explicar sobre essa técnica, mas mostrar de modo bastante resumido como pode ela pode ser utilizada, de forma didática.

A ideia é bem simples, basta selecionar um texto ou um conjunto de opiniões para observar as frequências das emoções/sentimentos expressos nas palavras. Essas palavras podem expressar: amor/ódio, sofrimento/bem-estar, aspectos positivos/negativos e assim por diante. Veja o exemplo, em sequência, a partir do uso de um texto jornalístico acerca da temática da Covid-19:

Curados da Covid-19 relatam insegurança e sofrem preconceito

*O vírus Sars-CoV-2, mais conhecido como novo coronavírus, transformou o cotidiano de milhares de pessoas nos últimos meses em todo o mundo. Pouco conhecida pelos cientistas, a Covid-19 **surpreendeu** com uma pandemia e uma corrida por respostas científicas sobre o período de incubação, os sintomas e a transmissão entre seres humanos. Enquanto **nem** todas as respostas são completamente respondidas pela ciência, uma parcela da população foi infectada e precisou lidar com as consequências da presença do vírus durante e após a contaminação.*

*É o caso do guarda municipal Reinaldo Marques de Mattos, 39 anos, que, internado no mês de abril por causa da Covid-19, demorou a se acostumar com a vida fora do hospital e os olhares **desconfiados** por onde passava. “Quando você sai do hospital, eles te dão alta como curado de Covid-19, mas, mesmo assim, o médico me aconselhou a permanecer sete dias em isolamento. Por ser um vírus novo, a gente **não** sabe como ele vai reagir. Conversei com o pessoal do meu serviço e fiquei, no total, 15 dias em casa. Confesso que ainda tenho **medo** de transmitir para outras pessoas e eu percebia que elas também estavam com **medo** de mim”, conta Reinaldo.*

*Reinaldo é sobrinho da primeira vida levada pelo novo coronavírus em Campo Grande, Dona Pedrosa. A fatalidade que atingiu a família e os dias na UTI transformaram a recuperação do guarda municipal em momentos **difíceis**. “O maior **medo** que você tem é de transmitir para outras pessoas”, ressalta. Segundo ele, uma simples ida ao caixa eletrônico era **difícil**. “Mesmo após sair do hospital, eu continuei usando máscara e álcool em gel. Quando precisei sair, como ir ao caixa eletrônico que só funciona por biometria, eu borrijava tanto álcool em gel que até dava erro na leitura”, conta.*

Curados da Covid-19 relatam insegurança e sofrem preconceito

Segundo ele, além do **medo** de uma possível piora do quadro ou nova contaminação na família, o **preconceito** também foi um problema. “Até hoje, muitas pessoas têm **receio**, preconceito em chegar perto. Na época, logo após a saída do hospital, eu me senti muito **mal** com a **desconfiança**. Agora a gente meio que releva. Mas sofremos **preconceito**, sim”, indica.

Parte da **desconfiança**, de acordo com o guarda municipal, é pela falta de informação em relação ao vírus. “Por ser um vírus novo, não sabemos as consequências e isso causa **medo**. Eu mesmo não sei se terei alguma seqüela no futuro, se estou mais propenso a ter outras doenças, a ter doenças pulmonares, é tudo uma **incógnita**. Ao que tudo indica, estou bem, mas, mesmo assim, continuo me protegendo”, indica.

Ou seja, Reinaldo não anda sem máscara e faz questão de dar o exemplo. “Muita gente fala ‘mas você já pegou, está **ímune**, por que usa máscara?’ Por dois motivos, pela falta de informação sobre o vírus e porque não quero ser um **mau** exemplo para as outras pessoas, o ideal é que todos usem a máscara e mantenham o distanciamento um do outro no cotidiano, e eu vou seguir essas orientações”, frisa.

Enfermeira, Keity Marielle Alberto Rodrigues, 30 anos, também foi diagnosticada com coronavírus em abril e chegou a ficar internada para se recuperar de um **desconforto** respiratório. “Minha recuperação foi **ótima**, graças a Deus. Poder sair na rua foi **bom**, muito engraçado, muitas pessoas **corriam** de mim, porém, muitas **vieram** até mim para conversar, saber como foi, como estava, saber os sintomas, como eu me cuidava dentro de casa, como cuidava do meu filho e esposo dentro de casa, muita gente curiosa, sim. Mas muitas pessoas com **medo** de mim também. Isso é normal”, acredita.

A advogada Kézia Miranda, 30 anos, **não** sabe ao certo onde foi contaminada com o novo coronavírus. Em janeiro, ela esteve em Portugal, depois, em São Paulo, onde começou a sentir os primeiros sintomas e, posteriormente, na Babia, ela percebeu que algo estava errado. Fui até a UPA da Vila Almeida e a médica que me atendeu decidiu fazer o teste para a Covid-19”, diz.

O resultado veio com a orientação de permanecer em isolamento em casa, o qual ela cumpriu por 24 dias. “Tive muita febre, perda de apetite, olfato e paladar. Eu ficava com aboca meio sem o gosto, além de muita diarreia”, frisa. Da **sensação** de que iria morrer até a recuperação foi um longo caminho, marcado pelo autocuidado. No fim, Kézia ainda fez um exame completo para descobrir se ainda estava transmitindo, tudo para ficar com a consciência mais tranquila. “Eu estava com **medo**, outras pessoas também. Nem os familiares sabem lidar direito com a situação, na verdade, **ninguém** sabe. Você **não** tem certeza se realmente está curado, é uma celexma em torno do assunto”, acredita.

Aos poucos, a segurança retorna e os contatos recomeçam. “Tudo muito **incerto** ainda, **não** sabemos como é a questão da imunidade, se você pode pegar de novo”, frisa. Mesmo sem sintomas, Kézia tem a impressão de que ganhou como seqüela uma leve perda do olfato. “**Não** sinto os cheiros como antes”, frisa.

De volta aos compromissos de advocacia, ela ainda usa máscara e segue os cuidados necessários. “Voltei a trabalhar normalmente”, frisa. Em relação às pessoas, ela diz há uma **divergência** nos comportamentos ao longo dos meses.

Curados da Covid-19 relatam insegurança e sofrem preconceito

“Há as pessoas que são hipócondríacas, que têm muito medo da doença, e os que não se importam e acham que o coronavírus não é grave. Algumas pessoas também perguntam sobre o vírus, os sintomas, e querem saber mais. Desmistificam a doença por meio do diálogo, acreditam que, como eu, outros também podem vencer o coronavírus, diz.

Fonte: MESQUITA, 2020

Depois de lido o texto, com os alunos, as seguintes orientações devem ser dadas ao grupo:

1. Solicite que os alunos marquem, ao longo do texto, palavras que expressam emoções ou sentimentos.
2. Elabore um quadro para apurar a frequência das palavras que expressam algum tipo de emoção como no exemplo.

Palavras	Frequência	Sentimento/Emoção
Surpreendeu	1	Negativo
Nem	1	Negativo
Desconfiados	1	Negativo
Não	5	Negativo
Medo	8	Negativo
Díficeis	1	Negativo
Preconceito	2	Negativo
Receio	1	Negativo
Desconfiança	1	Negativo
Incôgnita	1	Negativo
Imune	1	Positivo
Mau	1	Negativo
Desconforto	1	Negativo
Bom	1	Positivo
Ótimo	1	Negativo
Corriam	1	Negativo